



Uma ex-namorada assassinada.
Investigações à margem da lei.
Jack Morgan: culpado ou inocente?

N.º 1 EM TODO O MUNDO

JAMES PATTERSON

MAIS DE 295 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

PRIVATE

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

PRINCIPAL SUSPEITO

com MAXINE PAETRO



TOPSELLER

PRÓLOGO

TIROS NO ESCURO

UM

Um sedã escuro saiu da Estrada da Costa do Pacífico e meteu-se pelo caminho de acesso a uma casa de praia murada em Malibu no valor de, pelo menos, sete ou oito milhões de dólares.

O condutor baixou o vidro e passou uma chave eletrónica pelo leitor.

O par de imponentes portões de ferro forjado abriu-se num movimento giratório, e o sedã parou à porta da garagem, deixando os portões fecharem-se suavemente atrás de si. O condutor saiu do carro e olhou em volta.

Era um tipo branco de cabelo curto castanho, estatura mediana e na casa dos trinta, e envergava um blusão de ganga, calças caqui, sapatos de sola de borracha e luvas de látex. Percebeu que a requintada casa moderna estava inteiramente abrigada por vegetação e por uma vedação que a protegia e escondia da estrada e das casas vizinhas.

Aproximou-se do nicho que emoldurava a porta de entrada e reparou não só na câmara de segurança focada nele, mas também no teclado biométrico.

De regresso ao carro, o condutor abriu uma porta traseira e disse:

— Última paragem, minha menina.

Debruçou-se sobre o banco de trás e de lá tirou uma mulher de aspeto frágil e comprido cabelo preto. Estava desmaiada,

completamente inconsciente. Cheirava a rosas e sabonete. Com um resmungo, o homem manipulou o corpo flácido e arremessou-o para cima do ombro.

Quando estava de novo diante da porta, comprimiu o dedo da mulher sobre o teclado, fazendo o trinco da porta abrir-se com um estampido.

Entraram.

O homem do blusão de ganga não acendeu as luzes. O sol entrava pelas extensas paredes envidraçadas, refletia-se nos mosaicos do chão e fornecia o brilho suficiente para se ver tudo.

O vestíbulo conduzia a uma grande sala de estar, iluminada por uma claraboia e com paredes arredondadas e janelas curvas viradas para o mar. À esquerda, ficava um corredor que ia dar ao quarto principal e à casa de banho. O homem abriu a porta do quarto com o pé e, ao chegar perto da cama, aliviou o ombro do peso da mulher e deitou-a sobre a colcha às risquinhas azuis e brancas.

Aconchegou-lhe a cabeça sobre uma almofada e dirigiu-se para o escabelo junto à janela. Sob a tampa com dobradiças, encontrava-se uma caixa de metal e, dentro dela, um revólver *Kimber* .45 personalizado. O tipo do blusão de ganga fez saltar o carregador para fora, verificou-o e tornou a encaixá-lo com a mão enluvada. A arma estava carregada.

Regressou à beira da cama e, apontando com cuidado, alvejou a mulher no peito à queima-roupa. O corpo dela estremeceu, mas, quando ele disparou o segundo e o terceiro tiros, ela nem se mexeu. Ele apanhou as três cápsulas das balas disparadas e guardou-as no bolso.

O atirador levantou o auscultador do telefone ao lado da cama. Marcou um número enquanto contemplava a praia pelas janelas.

O assassino desligou, sem falar. Depois abandonou o quarto e encontrou o *media center* na sala de estar. Abriu todas as portas

do armário, vasculhou os compartimentos e localizou ao fundo o disco rígido do sistema de segurança.

Desligou-o da tomada e aconchegou-o debaixo do braço, para depois sair pela porta da frente. Lá fora, afastou parte do musgo da base da robusta buganvília que trepava a vedação. Enterrou a arma no buraco pouco profundo e tapou-a com lascas de casca de árvore.

Voltou ao veículo, ligou-o e passou a chave eletrônica pelo leitor no poste oposto. Quando os portões se abriram, recuou lentamente o carro até à faixa de emergência. Depois entrou na estrada nacional e seguiu para norte.

Já ia a pensar num restaurante de peixe e marisco em Santa Bárbara, chamado Brophy Bros. Adorava aquele sítio. O balcão de marisco tinha amêijoas, uma travessa de sapateira-do-pacífico e ostras abertas. Ele pediria uma garrafa de qualquer coisa que fosse digna do seu dia de trabalho de alto gabarito.

O atirador pôs um CD dos Van Halen no leitor e sorriu quando o sedã escuro se fundiu no fluxo de tráfego.

DOIS

A. J. Romano conduzia a carrinha branca de transportes pela Interestadual 15, rumo a oeste, 240 quilómetros a leste de Las Vegas. Tratava-se de um modelo recente da Ford. De ambos os lados, e ao longo das portas de carga traseiras, havia decalques a dizer «Diretamente do Produtor» sobre uma cesta de legumes vermelhos, verdes e amarelos.

Benny Falacci, o *Banger*, ia esparramado no lugar do pen-dura, com as suas novas botas de *cowboy* de pele de enguia em cima do tabliê. Rudy Gee seguia na parte de trás, a desfrutar da sua vez na secção de carga com ar condicionado, com o saco-cama entalado entre as caixas de cartão.

A. J. gostava sempre de conduzir à noite, mas mais ainda naquelas noites cristalinas que se apanhavam nas altas altitudes do oeste. Estrelas brilhantes. Nada de trânsito. Uma tira de estrada que cortava quilómetros e quilómetros de terras de pasto e terrenos desérticos, tendo como sombrio pano de fundo os sopés das montanhas, que, à distância, se assemelhavam a papel pardo amarrotado que se elevava e prolongava.

— Fiz um guisado, estás a ver? Estava eu a cozinhar para ela, para variar — dizia ele a Banger.

Banger arrancou o filtro a um *Marlboro*, acendeu o seu isqueiro prateado da sorte e abriu a janela.

— Credo! — exclamou Romano, abrindo também a sua janela. — Nunca ouviste falar do fumo passivo? Estás a fumar por dois!

— Já fizemos 508 quilómetros — disse Banger. — Era esse o acordo. Um cigarro a cada 500 quilómetros.

— Tudo bem. — A. J. continuou, falando agora mais alto por causa da corrente de ar que entrava pela janela. — Então, fiz um esparguete e um bolinho de chocolate. É agradável.

— Fascinante, A. J. Conseguiste incluir os principais grupos alimentares.

— Bem, fiquei saciado mas não enfartado. Fomos para a cama e, por volta das duas e meia, acordei. Estava literalmente gelado.

Banger puxou de um pedaço de tabaco da língua. Na carrinha, não havia leitor de CD, nenhum tipo de sinal de rádio, ali tão longe fosse de que porra fosse. Dali a poucas horas, haveria de estar sentado a uma mesa de *blackjack*. Nessa noite, dormiria numa cama tripla. Ligaria a Suzette mesmo em cima da hora. Pôs-se a pensar nisso e na conversa que ela iria fazer antes de ele conseguir despir-lhe as cuecas. Ou então podia ir até ao Sands e arranjar uma pessoa nova. Sentia-se com sorte.

— Liguei o cobertor elétrico. Mesmo assim, continuava com os mamilos duros como diamantes.

— Valha-me Deus — disse Banger. — Importas-te de mudar de assunto?

— Aumentei a temperatura para nove. O cobertor *escaldava* — disse A. J. — Mas continuei com o corpo todo geladinho. Quando voltei a acordar, estava a transpirar como se tivesse corrido uns três quilómetros...

— O que é que se passa? — perguntou Banger.

— Não sei. É isso que estou a perguntar. Estará o meu coração a pregar-me alguma partida?

— O que é que se passa *ali*? — disse Banger, apontando pelo para-brisas para as luzes vermelhas em frente.

— Referes-te àquele carro?

— Está a abrandar.

— O cretino devia ter atestado em Kanarraville.

— Contorna e passa por ele — disse Banger.

Mas A. J. já ia a desacelerar enquanto dizia:

— Se um gajo fica sem gasolina nesta estrada, pode ser comido por um urso.

No entanto, o carro à frente deles não estava a ficar sem gasolina. Estava a engonhar, dando a um *Chevy* que seguia sem luzes na faixa da esquerda a hipótese de os apanhar e de se pôr ao lado da carrinha.

— Mas que porra é esta agora? — disse A. J., fitando o *Chevy* a 15 centímetros da sua porta. — O que é que *este* cretino está a fazer?

— Trava. Trava! — gritou Banger. — Contorna e passa por ele.

A. J. Romano debruçou-se sobre a buzina, mas não surtiu qualquer efeito. A carrinha estava encurralada, a ser desviada para a saída para Pintura, e não lhe restava outra hipótese senão embater no carro ao seu lado ou acelerar pela via de acesso abaixo.

A. J. deu uma guinada no volante para a direita, atirando a carrinha para a faixa de saída, enquanto Banger procurava a sua arma debaixo do banco. Quando deu por isso, havia metal a roçar na porta do seu lado, e a carrinha saía da estrada, obrigada a entrar numa espécie de ramal de acesso.

Banger gritava «filho da...», ao mesmo tempo que A. J. travava a fundo. A carrinha derrapou na terra e atravessou uma vedação de arame, indo parar no meio de nenhures, com poeira a obstruir a visão e a encher a cabina.

Ouviram-se portas de carro a fechar com estrondo à frente e atrás. Banger agarrou na arma com uma das mãos e soltou o cinto de segurança com a outra, pronto a sair disparado pela porta, mas à janela estava o rosto de um homem, um rufia que ele nunca tinha visto, que gritava:

— Agarra-te ao tejadilho!

A. J. pôs as mãos no ar.

— Banger — gritou ele —, faz o que eles dizem!

Banger sacou da arma por debaixo da abertura da janela. Houve um clarão brilhante e um estrépito sonoro. Banger tombou, exalou e não tornou a mexer-se.

Na sua mente, A. J. gritava: *Oh, meu Deus. Mataram o Banger.* Apontaram-lhe uma .45 ao ouvido esquerdo.

— Ouça — disse A. J. — Eu não o conheço. Não vi nada. Leve o que quiser. Tenho 600 dólares...

A. J. nem chegou a ouvir o disparo da arma. Teve um espasmo, mas não passou disso.

TRÊS

A porta de carga da traseira da carrinha abriu-se com um estouro, e Rudy Giordino saltou de lá para fora. Tinha a perna direita dormente, mas, como jogara à bola no liceu, possuía bom equilíbrio. Saiu aos tropeções e desatou a correr.

Sentia-se aturdido devido à pancada que levara na nuca, mas os instintos permaneciam intactos. Correu debaixo de um céu negro, atravessando as planícies e sempre paralelo à estrada.

O sangue fazia-lhe tinir os ouvidos, e ele ainda sentia as réplicas dos disparos.

Meu Deus. Tinham disparado armas dentro da cabina.

Eles tinham sido assaltados.

Rudy Gee desatou a correr, tendo vislumbres da sua arma, perdida debaixo da cascata de caixas na parte de trás da carrinha. Pensou em Marisa e Sparky e em como ainda não era a sua hora de morrer, pelo menos não executado a tiro naquele maldito lugar. Tinha tantos planos. Ainda era um miúdo.

A corrida soube-lhe bem. Estava a ganhar terreno, quase conseguia ouvir os aplausos nas bancadas.

Atrás dele, um tipo chamado Victor Spano fazia pontaria com a sua .45, encostado à parte lateral da carrinha. O chavalito estava a facilitar demasiado as coisas, ao correr assim em linha reta.

Victor premiu o gatilho e sentiu o coice quando a bala atingiu o alvo. O tipo que fugia para salvar a vida parou de correr

como se alguém o tivesse chamado pelo nome. Depois caiu de joelhos e aterrou com a cara no chão.

Victor encaminhou-se para o morto e enfiou-lhe um balázio na nuca, só para ter a certeza. Quando se dispara uma arma e ninguém ouve, será que se disparou mesmo?

Sim. Decididamente.

— Está morto? — gritou Mark.

— Diz que quer ir comer piza connosco — respondeu Victor.

— Volta para aqui, está bem? Precisamos de ajuda com estes dois.

Victor ajudou a esconder os primeiros dois mortos no *Chevy*. Mark fez marcha atrás com o carro, e Victor e Sammy enfiaram o terceiro corpo junto dos outros dois.

Depois, tal como planeado, Victor assumiu o volante da carrinha de transportes, e os três veículos saíram da estrada de terra e regressaram à interestadual.

À sua frente, o *Chevy* começou a acelerar, tomando a direção da Estrada Nacional 56 e de Panaca, no Nevada. Victor Spano, um tipo com futuro, dirigiu-se para Los Angeles, e Mark, no *Acura*, para Cedar City. Daí, Mark faria inversão de marcha para Chicago.

Tinha sido uma boa noite. O assalto demorara um total de nove minutos, incluindo a limpeza.

Ele mantivera-se concentrado no trabalho até àquele instante. Agora, enquanto a carrinha se apressava na direção de Los Angeles, Victor Spano começava a pensar no seu pagamento.

Estava milionário e era membro de direito da máfia.

Aquele tinha sido o dia mais incrível da sua vida.

PRIMEIRA PARTE

NÃO FUI EU

CAPÍTULO 1

Tinha o carro à minha espera no aeroporto de Los Angeles. O Aldo estava parado na berma, com uma placa a dizer «bem-vindo a casa, senhor Morgan».

Dei-lhe um aperto de mão, atirei as malas para o porta-bagagens e deslizei para o confortável banco de cabedal na parte de trás. Tinha visitado seis cidades em três dias, sendo que a última etapa a partir de Estocolmo se transformara numa viagem de 25 horas pelas linhas aéreas do inferno até casa.

Estava completamente exausto. E isso era um eufemismo.

— A tua encomenda, Jack — disse o Aldo, entregando-me uma pasta através da divisória.

A capa dizia «Private», o nome da minha empresa privada de investigação. A nossa sede era em Los Angeles, mas tínhamos sucursais em seis países, com clientes em todo o mundo que requisitavam e pagavam bem por serviços que não estavam disponíveis através de meios públicos.

Ultimamente, preocupava-me o facto de podermos estar a crescer em demasia e demasiado depressa, e que, se o grande fosse inimigo do bom, o *grandioso* não teria hipótese. E, acima de tudo, eu queria que a Private fosse grandiosa.

Enfie o dossiê da Contabilidade na minha pasta e, enquanto o carro se metia pela faixa mais rápida, tirei o meu *BlackBerry*. As mensagens não lidas chegavam aos três dígitos, pelo que fiz uma escolha seletiva enquanto percorria a lista com o dedo.

O primeiro e-mail era da Viviana, a beldade que se sentara ao meu lado no voo de Londres para Nova Iorque. Vendia equipamento de teleconferências em 3D, uma tecnologia que não era propriamente indispensável mas tinha bastante interesse.

Havia uma mensagem de texto do Paolo, o meu chefe de segurança em Roma, que dizia: «O nosso cliente caloteiro está agora pura e simplesmente morto. Pormenores a seguir.» Despedi-me mentalmente de uns honorários de 200 mil euros e passei para as mensagens da equipa da casa.

A Justine Smith, minha confidente e número dois na Private, escreveu: «Temos umas coisas para pôr em dia, companheiro. Deixei a luz do alpendre ligada.» Sorri, pensando que, por muito que a quisesse ver, queria ainda mais tomar um duche e meter-me na cama.

Enviei-lhe uma resposta e abri uma mensagem do Rick Del Rio. «O estupor do Noccia quer ver-te de imediato.»

A mensagem foi como um murro no estômago.

O Carmine Noccia era o herdeiro da importante família da máfia com o mesmo nome, líder da divisão de Las Vegas e meu amigo accidental por causa de um acordo que fizera com ele seis meses antes. Ainda era cedo de mais para não voltar a ver o Carmine Noccia.

Escrevi uma resposta com cinco letras, enviei-a ao Del Rio e guardei novamente o telemóvel no bolso, enquanto o carro virava para o caminho de acesso à minha casa. Fui buscar as minhas malas e observei o Aldo enquanto ele recuava para sair, para ter a certeza de que não era abalroado na Estrada da Costa do Pacífico.

Passei a chave eletrónica pelo leitor e atravessei o portão, comprimi o dedo no teclado biométrico e entrei no meu lar, doce lar.

Por uma fração de segundo, pareceu-me sentir o cheiro a rosas, mas atribuí-o ao prazer de estar de novo em casa.

Comecei a despir-me na sala de estar e, quando cheguei à casa de banho, já estava só de *boxers*, que atirei com um pontapé para fora da cabina do duche.

Permaneci debaixo da água mais quente que consegui aguentar, dirigi-me para o meu quarto e premi o interruptor de parede que acendia as luzes dos dois lados da cama.

Durante um longo instante, fiquei paralisado à soleira da porta. Não compreendia o que estava a ver... porque não fazia sentido. Como é que a Colleen podia estar na minha cama? A camisola dela estava ensopada em sangue.

Que diabo era aquilo?

Uma partida de mau gosto?

Gritei pelo nome dela e pus-me de joelhos ao lado da cama, com a mão a comprimir-lhe a parte lateral do pescoço. A pele estava quente como a vida, mas ela não tinha pulso.

Tinha vestida uma saia à altura do joelho e um casaco de malha azul, roupas que eu já a vira usar. O seu cabelo a cheirar a rosas abria-se em leque à volta dos ombros, e os olhos azul-violeta estavam fechados. Agarrei-a pelos ombros e abanei-a ao de leve, mas a cabeça limitou-se a pender.

Oh, céus. Não.

A Colleen estava morta.

Como é que aquilo tinha acontecido, valha-me Deus?

CAPÍTULO 2

Eu tinha visto inúmeros mortos durante o serviço militar no Afeganistão. Lidara com homicídios durante anos como parte do meu trabalho e até já testemunhara a morte de amigos.

Mas nada disso me protegia do horror de ver a figura ensanguentada e sem vida da Colleen. O sangue dela ia pingando na colcha da cama, infiltrando-se. A camisola estava tão ensopada em sangue, que eu nem lhe via os ferimentos. Teria sido esfaqueada? Morta a tiro? Não conseguia perceber.

As cobertas estavam bem puxadas para cima, e não vi nenhum sinal de luta. Tudo no quarto estava exatamente como eu o deixara quatro dias antes — tudo, menos o cadáver da Colleen, ali mesmo.

Pensei na tentativa de suicídio da Colleen depois de nos termos separado seis meses antes — as cicatrizes eram visíveis: linhas prateadas nos seus pulsos. Mas aquilo não era suicídio.

Não havia nenhuma arma nem em cima nem perto da cama.

Dava a sensação de que a Colleen tinha entrado no meu quarto, deitado a cabeça na almofada e sido morta durante o sono.

E isso não fazia sentido.

Foi então que o meu instinto de sobrevivência ao retardador deu sinal. Quem quer que tivesse matado a Colleen podia ainda estar dentro de casa. Dirigi-me para o escabelo junto da janela onde guardava a minha arma.

Tinha as mãos a tremer enquanto levantava a tampa com dobradiças do escabelo e pegava no estojo metálico da arma. Estava leve. Vazio.

Abri as portas do roupeiro e olhei para debaixo da cama, mas não vi ninguém, nada de cápsulas de bala, nada de nada. Vesti umas calças de ganga, enfiei uma *t-shirt* e fui de janela em janela até à porta, verificando fechaduras, erguendo o olhar para as claraboias em busca de vidraças partidas.

E fiz um retrocesso mental.

Tinha a certeza de que a porta da frente estava trancada quando entrei em casa. E agora tinha a certeza de que todos os outros pontos de entrada estavam protegidos.

Isso só podia querer dizer que alguém entrara em minha casa com uma chave eletrónica do portão e um acesso biométrico: alguém que me conhecia. A Colleen fora minha assistente e amante durante um ano, antes de rompermos. Eu não tinha apagado os códigos dela.

A Colleen não era a única pessoa com acesso à minha casa, mas talvez eu não precisasse de adivinhar quem a tinha matado.

A minha casa era vigiada pelo melhor sistema de vigilância alguma vez produzido. Havia câmaras colocadas em todos os ângulos, por cima das portas, cobrindo a estrada nacional e abarcando 180 graus da praia diante do meu terraço.

Abri as portas do armário da central de entretenimento na sala de estar e acionei o interruptor, ligando assim os seis monitores de vídeo empilhados em duas colunas de três. Os seis ecrãs acenderam-se... e todos estavam em branco. Dei repetidas pancadas nos botões do controlo remoto, até perceber que o disco rígido tinha desaparecido. Tudo o que restava era um cabo desligado.

Agarrei no telefone ao lado do sofá e liguei para a linha direta da Justine no escritório. Eram quase sete horas. Será que ainda lá estava?

Ela atendeu ao primeiro toque.

— Jack, sempre estás com fome?

— Justine. Aconteceu uma coisa má. — A voz embargou-se-me quando me obriguei a dizê-lo. — É a Colleen. Está morta. Um sacana qualquer matou-a.

CAPÍTULO 3

Quando abri a porta da frente, a Justine entrou deslizante como uma brisa ligeira. Era uma psicóloga de primeira, especialista em análise de perfis, inteligente... brilhante, que diabo! Graças a Deus que ali estava.

Levou a mão à minha face, perscrutou-me o olhar e perguntou:
— Jack, onde é que ela está?

Apontei para o quarto. A Justine entrou, e eu segui-a, mantendo-me entorpecido à soleira da porta enquanto ela se encaminhava para a cama. Lamuriou um «oh, não» e cerrou as mãos por baixo do queixo.

Mesmo sendo eu testemunha daquele quadro desolador, a Colleen ainda estava viva na minha cabeça.

Imaginei-a na casinha que ela arrendara em Los Feliz, um ninho de amor que quase se podia segurar nas mãos em concha. Pensei nela a menear as ancas, vestida com uma lingerie diminuta e grandes chinelos felpudos nos pés, entremeando o seu sotaque cerrado com os velhos ditados irlandeses da avó:

— Há de haver chapéus no campo e ninguém para os apanhar.

— O que é que isso quer dizer, Molloy? — perguntei-lhe.

— Sarilhos.

E agora ali estava ela na minha cama. Bem para lá dos sarilhos.

A Justine estava pálida quando voltou para junto de mim. Pôs os braços à minha volta e abraçou-me.

— Lamento muito, Jack. Mesmo muito.

Abracei-a com força, mas de repente ela afastou-se com um safanão. Fitou-me com os seus olhos escuros e perguntou:

— Porque é que tens o cabelo molhado?

— O cabelo?

— Tomaste um duche?

— Sim, tomei. Quando cheguei a casa, fui direito à casa de banho. Estava a tentar manter-me acordado.

— Bem, isto não é nenhum sonho, Jack. É do mais real que existe. Quando tomaste banho, já tinhas visto a Colleen?

— Não fazia ideia de que ela aqui estivesse.

— Não lhe pediste para cá vir?

— Não, Justine, não pedi. *Não*.

A campainha da porta voltou a tocar.

PRIVATE

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

*Quando os ricos e poderosos estão em apuros,
não é para a polícia que ligam...*

A Private é a agência de investigação mais eficiente do mundo, criada para resolver de forma discreta os problemas dos ricos e poderosos. Jack Morgan, antigo fuzileiro naval e agente da CIA, é o seu dono. Os agentes da Private são os mais inteligentes e rápidos, e dispõem das tecnologias mais avançadas.

Desta vez, é o próprio Jack Morgan que se torna o principal suspeito da morte da sua ex-namorada. Ao mesmo tempo que é vigiado pela polícia, a Máfia obriga-o a recuperar 30 milhões de dólares em material farmacêutico roubado, e a bela presidente de uma cadeia de hotéis pede-lhe que investigue uma série de assassinios ocorridos nas suas propriedades.

O Principal Suspeito é Jack Morgan

Numa luta contra o tempo para provar a sua inocência, Jack tem de enfrentar os inimigos mais fortes e inteligentes de sempre. Com mais ação, intriga e surpresas do que nunca, *Private: Principal Suspeito* é James Patterson ao seu melhor nível.

**Mais títulos sensacionais de James Patterson,
o autor n.º 1 em todo o mundo:**



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

Série Private, n.º 2
Ficção/Policial

ISBN 978-989-8626-31-8



9 789898 626318
www.topseller.pt